



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística
e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 3

Atena
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:
Perspectivas Críticas e Teóricas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-705-5 DOI 10.22533/at.ed.055190910 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste terceiro volume, os autores apresentam suas reflexões de maneira crítica e analítica, colocando em cada trabalho uma singularidade que marca o contexto de reflexão. Colocam, ainda, à disposição das investigações no mercado editorial múltiplos conhecimentos, por isso, os vinte e oito textos que serão apresentados dialogam com as necessidades dos interlocutores deste e-book, os múltiplos leitores.

No primeiro capítulo, são apresentadas reflexões da literatura para o desenvolvimento do ser humano. No segundo capítulo, a cultura ucraniana, bem como seu contexto e trajetória são apresentados em um município do Paraná. No terceiro capítulo, há uma reflexão memorialística não homogênea configurada nas descrições de Valentine de Saint-Point. No quarto capítulo, as autoras discutem sobre plano fronteiro entre o plágio e a intertextualidade, bem como colocam em destaque as possíveis implicações para o meio acadêmico.

No quinto capítulo, é demonstrada a importância da leitura para o incentivo à participação dos alunos nas aulas de literatura. No sexto capítulo, o autor apresenta alguns encaminhamentos no trabalho com a leitura como porta que se abre para as possibilidades de um mundo possível. No sétimo capítulo, as autoras analisam, criticamente, a colocação dos pronomes oblíquos no Português Brasileiro. No oitavo capítulo, as narrativas são colocadas no campo da experiência nas propostas de ensinar e aprender teatro na escola.

No nono capítulo, são desenvolvidas reflexões sobre o posicionamento da mulher negra na noção de entre-lugar ou nos espaços de fronteiras, normalmente, resultantes de processo diaspóricos. No décimo capítulo, pesquisa-se e relata-se o legado deixado pela bailarina, coreógrafa, gestora e professora Rosa Cagliani que atuou, incisivamente, na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam as peculiaridades do idioma Francês e suas repercussões político-militares. No décimo segundo capítulo, as autoras analisam a figura das beatas na literatura ficcional do livre pensador Clodoaldo Freitas.

No décimo terceiro capítulo, as teorias de Saussure e Chomsky representam o ponto de discussão. No décimo quarto capítulo, a autora apresenta breves reflexões do uso de imagens em sistemas de avaliação. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta parte de um resultado de pesquisa do Mestrado Profissional em Artes. No décimo sexto capítulo, são suscitadas reflexões quanto ao uso da linguagem poética na visibilidade do espaço acadêmico.

No décimo sétimo capítulo é apontado uma gama de reflexões críticas sobre o processo de formação e criação do que vem sendo denominado *dança aérea* ou *vertical*. No décimo oitavo capítulo, os autores descrevem e analisam experiências pedagógicas desenvolvidas a partir de um projeto de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. No décimo nono capítulo, propõem algumas indagações sobre a dança no universo da cibercultura. No vigésimo capítulo,

a autora relata e discute a relevância de um projeto musical a partir das canções de Dorival Caymmi e Luiz Gonzaga.

O vigésimo primeiro capítulo trata-se de uma análise acerca da divulgação científica feita por dois jornais impressos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras debatem os temas *educação* e ética como caminhos saudáveis para uma sociedade melhor. No vigésimo terceiro capítulo, o autor analisa a função do profissional tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais. No vigésimo quarto capítulo, a autora articula alguns conceitos de encenação, baseando-se em literaturas especializadas.

No vigésimo quinto capítulo, o autor analisa as proposições da música eletroacústica. No vigésimo sexto capítulo, os autores analisam o fenômeno *fake news* no contexto da campanha presidencial de 2018. No vigésimo sétimo capítulo é discutida a formação continuada de professores de educação infantil e, por fim, no vigésimo oitavo capítulo, o autor discute o termo *folclore* a partir de uma cultura diferente.

Assim sendo, que as reflexões desta obra contribuam de alguma forma com ampliação cultural e leitura dos interlocutores que pretendem tomar cada texto como fonte singular de pesquisa.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONCEPÇÃO INTERACIONISTA DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LITERATURA EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA	
Gabriela Tabareli Neuvald	
DOI 10.22533/at.ed.0551909101	
CAPÍTULO 2	10
A CULTURA UCRANIANA E SUA TRAJETÓRIA NO MUNICÍPIO DE RONCADOR – PR	
Ana Flávia Slobodjan dos Santos	
Loremi Loregian-Penkal	
DOI 10.22533/at.ed.0551909102	
CAPÍTULO 3	23
“A DANÇA MODERNA ESTÁ POR CRIAR”: VALENTINE DE SAINT-POINT E O PROJETO DA <i>METACÓREIA</i>	
Verônica Teodora Pimenta	
DOI 10.22533/at.ed.0551909103	
CAPÍTULO 4	35
A FRONTEIRA ENTRE A INTERTEXTUALIDADE E O PLÁGIO: ANÁLISE DE UM CASO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Eliane Guerreiro Nascimento	
Valeria Silveira Brisolará	
DOI 10.22533/at.ed.0551909104	
CAPÍTULO 5	47
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO INCENTIVO À INTERAÇÃO/ PARTICIPAÇÃO ENTRE OS ATORES DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LITERATURA	
Reris Adacioni de Campos dos Santos	
Raquel Batista Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0551909105	
CAPÍTULO 6	61
LEITURA: PASSAPORTE PARA UM MUNDO POSSÍVEL	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0551909106	
CAPÍTULO 7	74
A LÍNGUA EM USO: SINTAXE DE COLOCAÇÃO	
Manuelle Pereira da Silva	
Amanda Ferreira Ferreira	
Bárbara Furtado Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.0551909107	
CAPÍTULO 8	85
APRENDER/ENSINAR TEATRO NA ESCOLA: NARRATIVAS PARA RECRIAÇÕES DE SI COMO ARTISTA/DOCENTE	
Fernanda da Silva Araújo Mélo	
DOI 10.22533/at.ed.0551909108	

CAPÍTULO 9	95
A MULHER NEGRA NO ENTRE LUGAR: LUÍSA MAHIN EM <i>UM DEFEITO DE COR</i> DE ANA MARIA GONÇALVES	
Jeane Virgínia Costa do Nascimento Elio Ferreira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0551909109	
CAPÍTULO 10	102
AS CONTRIBUIÇÕES DE ROSA CAGLIANI PARA A DANÇA EM JOÃO PESSOA – PB ENTRE AS DÉCADAS DE 1980 E 2000	
Taciana Assis Bezerra Negri	
DOI 10.22533/at.ed.05519091010	
CAPÍTULO 11	110
AS CONTRIBUIÇÕES DO IDIOMA FRANCÊS PARA A EDUCAÇÃO MILITAR NO BRASIL	
Janiara de Lima Medeiros Fabio da Silva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.05519091011	
CAPÍTULO 12	120
AS REPRESENTAÇÕES DAS BEATAS NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX	
Camila de Macedo Nogueira e Martins Oliveira Elizangela Barbosa Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.05519091012	
CAPÍTULO 13	134
AS TEORIAS DE SAUSSURE E CHOMSKY NO CRIACIONISMO: A LINGUAGEM COMO FATOR DE PERCEPÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA REALIDADE	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes Monique Siqueira de Andrade Estéfany Ingridy Cruz de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.05519091013	
CAPÍTULO 14	145
BREVE REFLEXÃO SOBRE O USO DE IMAGENS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS	
Denise Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05519091014	
CAPÍTULO 15	157
CANTOS DE TRABALHO: DAS ROÇAS PARA A SALA DE AULA. POSSIBILIDADES VOCAIS E INSTRUMENTAIS	
Cristina Maria Carvalho Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.05519091015	
CAPÍTULO 16	165
CONSOLIDANDO EXPECTATIVAS: ANÁLISE “FAMÍLIA MULEMBÁ” CONSOLIDATING EXPECTATIONS: ANALYSIS “FAMILY MULEMBÁ”	
Abinair Maria Callegari	
DOI 10.22533/at.ed.05519091016	

CAPÍTULO 17	181
CORPO NA DANÇA AÉREA/VERTICAL: RESSIGNIFICAÇÕES OU REPETIÇÃO DE PADRÕES ESTÉTICOS NA DANÇA?	
Yara dos Santos Costa Passos Raíssa Caroline Brito Costa	
DOI 10.22533/at.ed.05519091017	
CAPÍTULO 18	190
DANÇANDO PARA APRENDER E EDUCAR: DIALOGANDO COM A ESCOLA, A COMUNIDADE E O CORPO	
Roberto Lima Sales Ana Mariza Honorato da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05519091018	
CAPÍTULO 19	200
DANÇA NO UNIVERSO DIGITAL	
José da Silva Romero Kathya Maria Ayres de Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.05519091019	
CAPÍTULO 20	210
DORIVAL CAYMMI E LUIZ GONZAGA PARA CONJUNTO DE VIOLÕES: UM EXPERIMENTO DO ENSINO COLETIVO COM ARRANJOS AUTORAIS PARA MÚSICA BRASILEIRA	
Judith Eny Paes Leite	
DOI 10.22533/at.ed.05519091020	
CAPÍTULO 21	220
ECLIPSE DA SUPERLUA: ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS LINGUÍSTICOS-DISCURSIVOS EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	
Denise de Souza Assis Rainhany Karolina Fialho Souza	
DOI 10.22533/at.ed.05519091021	
CAPÍTULO 22	231
EDUCAÇÃO E ÉTICA: RUMO À CONVIVÊNCIA SAUDÁVEL NO ESPAÇO FAMILIAR E SOCIAL	
Rosineide Rodrigues Monteiro Bruna Marjory Monteiro Mota Karine Vanessa Monteiro Mota	
DOI 10.22533/at.ed.05519091022	
CAPÍTULO 23	242
EDUCAÇÃO E PODER: O PAPEL DO INTÉRPRETE DE LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS NAS DISPUTAS SIMBÓLICAS PELA DEFINIÇÃO DE SURDEZ	
Elder Freitas Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.05519091023	
CAPÍTULO 24	249
ENCENAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - UM FRAGMENTO A PARTIR DE UM OLHAR FEMININO	
Júlia Sant'Anna dos Santos Veras	
DOI 10.22533/at.ed.05519091024	

CAPÍTULO 25	259
ESCUTA E ANÁLISE FUNCIONAL COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO INTERPRETATIVA EM MÚSICA ELETROACÚSTICA MISTA	
Ronan Gil de Morais	
DOI 10.22533/at.ed.05519091025	
CAPÍTULO 26	274
FAKE NEWS: (DES)CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA?	
Holdamir Martins Gomes	
Carla de Queiroz Afonso	
Mithya Balbina Carlos Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.05519091026	
CAPÍTULO 27	287
FORMAÇÃO CONTÍNUA PARA DIDÁTICA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM REDE PRIVADA NA CIDADE DE TEFÉ	
Delva Maria Motta dos Santos	
Rosineide Rodrigues Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.05519091027	
CAPÍTULO 28	296
HARKADÁ: UMA FORMA DE EXPRESSÃO (FOLCLÓRICA?) DA DANÇA ISRAELITA	
Fernando Davidovitsch	
DOI 10.22533/at.ed.05519091028	
SOBRE O ORGANIZADOR	308
ÍNDICE REMISSIVO	309

A FRONTEIRA ENTRE A INTERTEXTUALIDADE E O PLÁGIO: ANÁLISE DE UM CASO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Eliane Guerreiro Nascimento

Licenciada em Letras, Mestranda em Educação Especial - University of California Santa Barbara (UCSB)

Goleta – Califórnia

Valeria Silveira Brisolara

Doutora em Letras, Escola da Indústria Criativa - Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS)

São Leopoldo – RS

RESUMO: O aumento do acesso a obras, tanto literárias quanto não-literárias, trouxe diversas mudanças para a prática da escrita, tais como o compartilhamento de arquivos e a democratização do ato de escrever. No entanto, pode também ter tanto facilitado o plágio quanto fornecido ferramentas de verificação de autoria. Nesse contexto, o plágio destaca-se ao remeter a questões éticas envolvendo autor e leitor. Diante disso, o objetivo deste artigo é discutir o que faz um texto ser considerado plágio, a partir de referencial teórico, a fim de refletir sobre onde fica a fronteira entre o plágio e a intertextualidade. Além disso, destacam-se possíveis implicações e consequências dessa prática. Para isso, este estudo analisa um caso de plágio literário, e faz uma reflexão de sua relação com os conceitos estudados.

PALAVRAS-CHAVE: autoria; plágio;

intertextualidade; literatura.

THE FRONTIER BETWEEN INTERTEXTUALITY AND PLAGIARISM: AN ANALYSIS OF A CONTEMPORARY LITERATURE CASE

ABSTRACT: The increase in the access to books, both literary and non-literary, brought with them many changes for the writing practice, such as the sharing of documents and the democratization of the act of writing. However, it might have also both facilitated plagiarism and provided tools to verify authorship. In this setting, plagiarism stands out by relating to ethical issues involving writer and reader. Hence, the objective of this article is to discuss what makes a text to be considered plagiarism, based on theoretical background, in order to consider where the frontier between plagiarism and intertextuality stands. It also highlights the possible implications and consequences of this practice. For that, this study analyzes a case of literary plagiarism, and reflects on how it relates with the concepts studied.

KEYWORDS: authorship; plagiarism; intertextuality; literature.

INTRODUÇÃO

Houve um tempo em que tudo o que era produzido por escritores era atribuído às musas ou aos deuses. Por conta disso, a produção oral e escrita era considerada de domínio público e o escritor apenas havia sido um instrumento através do qual os deuses ou as musas haviam se manifestado. Logo, era muito comum que outras pessoas se apropriassem das obras literárias, as modificassem e se inspirassem livremente nelas, sem a preocupação com questões de autoria. Foi apenas após a invenção da impressão, no século XIV, que permitia a cópia de obras em maior escala, que surgiu a necessidade de se pensar em autoria, o que culminou com o surgimento das primeiras leis de *copyright*. Antes disso, o autor ainda não era visto como tendo propriedade e direitos sobre sua obra, o que de certa maneira fazia com que seu nome não fosse tão importante. Essas leis garantiam proteção ao lucro das editoras, que poderiam produzir obras exclusivas, sobre as quais somente elas detinham o direito de cópia. Além disso, poderiam recorrer à justiça para garantir que o seu direito fosse respeitado.

Os escritores só foram receber direitos legislados reconhecendo sua autoria e, protegendo a sua obra, no século XVIII, a partir do *Statute of Anne* na Inglaterra. Por conta disso, é possível compreender que a concepção de autoria que possuímos hoje é ainda muito recente e é preciso esclarecer o que as regulamentações sobre autoria garantem em relação à proteção da obra autoral e qual o limite entre uma infração a esses direitos de reprodução, através do plágio, e uma referência literária, através da intertextualidade. Para distinguir entre essas duas instâncias, é preciso compreender que o leitor não é um componente passivo no ato da leitura, pois para identificar tanto o plágio quanto a intertextualidade, é necessário que o leitor possua uma referência prévia à obra plagiada ou referenciada.

O plágio é um tema recorrente no cenário contemporâneo não só no cenário literário, mas também na vida acadêmica, com a ocorrência de muitos casos, podendo as suas consequências chegarem à demissão e à cassação do diploma de quem o pratica. Posner destaca que a falta de entendimento sobre o plágio produz até mesmo situações irônicas, como no caso da Universidade de Oregon que informou os seus estudantes que não admitia plágio dentro da universidade explicando o que era plágio plagiando os conceitos expostos no site de outra universidade (POSNER, 2007, p.8). Por conta disso, é possível inferir que talvez muitas pessoas ou desconheçam o que é plágio ou ao menos não estejam cientes do que envolve e de suas consequências.

Como o fim de esclarecer as distinções entre o plágio literário e a intertextualidade, este artigo retoma conceitos a respeito de ambos de diferentes autores e faz uma reflexão, a partir de um caso concreto, colocando-o em perspectiva com o referencial teórico estudado. É preciso salientar que muitas das suspeitas de plágio de leitores acabam por não ter razão, pois os conceitos de plágio e intertextualidade não são muitas vezes bem compreendidos. A própria Internet acaba por naturalmente criar

filtros de veracidade de informações, desde a primeira voz que denuncia uma suspeita em um comentário em uma rede social, por exemplo, até essa suspeita ser investigada pela editora responsável pela obra, chegando a sites de notícias de grandes veículos de comunicação. O caso selecionado para relacionar os conceitos de plágio e intertextualidade passou por este filtro e é um caso comprovado de plágio literário.

Assim, vivemos em um tempo que possui a necessidade e as condições ideais para aumentar o conhecimento sobre plágio e intertextualidade, proteger os direitos autorais dos autores e estabelecer uma relação ética entre escritor e leitor. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é colaborar para esclarecer a relação e as diferenças entre plágio e intertextualidade, os conceituando através de referencial teórico, destacando as consequências da prática do plágio, tanto para o autor quanto para o leitor.

1 | CONCEITOS DE PLÁGIO E INTERTEXTUALIDADE

Para Thomas Mallon, há dois tipos de apropriação: “uma que reinventa e reorganiza, e que, de fato, depende do reconhecimento do leitor do material anterior que foi transmutado”, que seria a intertextualidade, e o plágio que “espera, acima de tudo, que o material original permaneça não reconhecido como tal”¹ (1991, p.242). Essa é a primeira grande diferença entre o plágio e a intertextualidade, pois o primeiro não quer que o leitor reconheça a obra do outro autor, lhe negando crédito autoral pelo trecho na obra; já o segundo deseja que o leitor identifique a referência à outra obra literária que está presente para enriquecer a leitura.

O plágio é geralmente definido como “a apropriação e o uso das palavras ou ideias de outros sem dar crédito à fonte”² (WOODMANSEE, 1994, p.1), mas este dar crédito à fonte nem sempre quer dizer explicitamente escrever o nome do autor referenciado no prefácio, ou em uma nota de rodapé, ou na própria referência intertextual, como veremos nos casos de intertextualidade explícita. Muitas vezes a intertextualidade está no texto e claramente ela não está camuflada como se fosse autoria do próprio escritor da obra, como, por exemplo, em uma obra de suspense que tenha uma referência a uma obra de contos de fadas. Nesse caso, não tem como o leitor ser iludido a pensar que este trecho também é de autoria do mesmo escritor do livro; porém, não há referência ao nome do autor original e, então, se este fosse o único critério (dar crédito à fonte) essa obra seria um caso de plágio.

O que é possível concluir, de acordo com ambos os conceitos, é que o plágio é a transgressão da autoria de outros. No entanto, assim como existem muitos tipos

1. Esta tradução e todas as subsequentes são de autoria das autoras. Do original: “One that re-invents and re-arranges and indeed often depends upon an audience’s recognition of the earlier material that’s been transmuted; and another that hopes, beyond all else, for the original to remain unrecognized as such.”.

2. Do original: “the use of the words and ideas of others without attribution”.

de intertextualidade, também existem muitos níveis de plágio, alguns propositais, ou seja, conscientes, e, outros, acidentais, frutos da falta de informação sobre o que é considerado plágio e quais as suas consequências. Como veremos no estudo de caso, as consequências no caso de plágio literário são tão graves quanto as consequências no caso de plágio acadêmico.

O plágio acaba por ser mais do que transgredir a autoria de outro, pois o plagiador toma o texto de alguém e assina o seu nome sob ele, supostamente roubando o trabalho de outros e, conseqüentemente, o crédito e, de acordo com a legislação vigente, a propriedade e o lucro obtidos a partir deste trabalho. Para Posner (2007), o plagiador não tem vantagens apenas através do capital monetário que ganha, o lucro, mas também do capital simbólico que acompanha esse lucro, ou seja, do reconhecimento e da fama. Além disso, há a possibilidade de ter um número de obras mais extenso do que outros escritores, pois não despende um tempo real as escrevendo, apenas as copia de outros, tornando-se, muitas vezes, concorrente de um escritor em um nicho de mercado, usando os textos dele. Portanto, o plágio tem um objetivo que vai além da obra literária; ele é o meio para de certa forma roubar a propriedade intelectual e os lucros frutos dela. O que é outra grande diferença entre o plágio e a intertextualidade, a segunda apenas visando o efeito estético e artístico através da referência, sendo um tributo do autor para outro escritor.

Contudo, é preciso compreender que o plágio não é considerado crime processável a não ser que haja a infração de direitos autorais, ou seja, só poderá processar um caso de plágio e reivindicar os seus direitos o autor que possua direitos autorais sobre a obra original. Copiar uma obra original sem creditar o autor é plágio, mas o plagiador não será punido por plagiar se a obra não for protegida por direitos autorais. Nesses casos, é possível ver com mais clareza a relação na separação de comportamento ético entre o plágio e a intertextualidade, sendo que a segunda se só fizer referências a obras que já estão abertas ao público, ou após solicitação de uso, não havendo transgressão.

Quando os textos se cruzam, por qualquer motivo, ou mais especificamente, reproduzem trechos, integralmente, ou fazem referência, de passagem, a textos escritos por outras pessoas, estão estabelecendo um diálogo com o original, que chamamos de intertextualidade. Kristeva cunhou o termo intertextualidade definindo que “o texto é construído como um mosaico de citações; todo texto é a absorção e transformação de outro.”³ (KRISTEVA, 1986, p. 37). Esse texto que é construído através da absorção e transformação de outros é um original que pode ter referências explícitas ou implícitas a outros textos, sendo a intenção da comunicação entre as obras artísticas, enriquecendo a experiência de um leitor que conhece ambas as obras, ou até mesmo instigando o leitor para a leitura da obra referenciada (no caso de intertextualidade explícita).

3. Do original: “any text is constructed as a mosaic of quotations; any text is the absorption and transformation of another”.

A partir das definições de ambas as instâncias, é possível compreender por que ainda não está esclarecido para escritores e leitores onde a intertextualidade acaba e onde o plágio começa, pois ambos envolvem utilizar trechos da obra de outro, ou se comunicar com ideias da obra de outro. Um é tratado como uma homenagem ao outro autor; é a arte se alimentando da própria arte, enriquecendo a experiência literária. O outro é tratado como um roubo, com a intenção de esconder a fonte e se apropriar de seu conteúdo, transgredindo a obra do autor original.

Para Mallon, a inabilidade tanto do mundo literário quanto do acadêmico, de definir ou de punir adequadamente casos de plágio é algo que aconteceu repetidamente (1991, p.12). Essa inabilidade, como veremos a seguir na análise de caso de plágio, afeta profundamente escritores, que podem ter uma carreira destruída por uma acusação de plágio inadequada ou uma “punição” inadequada, e leitores que podem terminar sendo lesados no contrato ético firmado com o escritor de que aquela obra é sua propriedade intelectual e não de outro, ou ainda pior, perder de ter a oportunidade de ler obras que não serão escritas por escritores que desistirão do ofício por uma acusação indevida de plágio, por exemplo.

2 | TIPOS DE INTERTEXTUALIDADE

Existem muitos tipos de intertextualidade, inclusive o conceito central do que é intertextualidade abrange também o plágio, pois intertextualidade é o texto dentro de outro texto, mais precisamente, parte de outro texto que seja inserido em outro. Dessa forma é possível reconhecer que o plágio se encaixa neste conceito, mas o que o separa dos outros tipos de intertextualidade é a ética, o plágio sendo o único caso que é considerado antiético e transgressor da obra alheia como foi descrito previamente. Portanto, é preciso ressaltar que o plágio aparecerá separado dos tipos de intertextualidade a seguir.

Uma das divisões na intertextualidade é se ela é explícita ou implícita, a primeira informando ao leitor a origem do trecho, creditando o autor, seja referenciando o seu nome ou ao menos a sua obra junto ao trecho que for utilizado e a outra não o informando, sem a intenção de escondê-lo dos leitores, apenas deixando a referência clara para o leitor atento. Um exemplo de intertextualidade implícita seria quando um autor utiliza um pequeno trecho de outra obra ou, ainda, se utilizando deste trecho ele o altera deixando evidente a obra original, como no caso na Tabela 1.

“A Rita” – Chico Buarque	“Resposta da Rita” – Ana Carolina
A Rita levou meu sorriso No sorriso dela Meu assunto Levou junto com ela O que me é de direito E arrancou-me do peito E tem mais Levou seu retrato, seu trapo, seu prato Que papel! Uma imagem de São Francisco E um bom disco de Noel	Não levei o seu sorriso Porque sempre tive o meu Se você não tem assunto A culpada não sou eu Nada te arranquei do peito Você não tem jeito faz drama demais Seu retrato, seu trapo, seu prato Devolvo no ato pra mim tanto faz Construí meu botequim Sem pedir nenhum tostão A imagem de São Francisco E aquele bom disco estão lá no balcão

Tabela 1. Intertextualidade implícita

Neste exemplo é possível ver o diálogo entre as duas obras, ou seja, a sua intertextualidade, já que não há apenas uma cópia da obra original, mas o uso dessa obra como ponto de partida, inspiração, prestando uma homenagem ao autor Chico Buarque. Nela o nome do autor não é citado, e o nome da sua obra “A Rita” está citado de maneira indireta, mas há uma intenção de que a original seja reconhecida para enriquecer a compreensão da totalidade da história presente nas duas letras. O autor não ter o desejo de que a obra original fique oculta é um dos elementos que Mallon destaca como característica principal da intertextualidade. Portanto, a intertextualidade implícita não adiciona o nome do autor utilizado, mas busca deixar a referência o mais claro possível para o leitor reconhecê-la.

Há vários tipos de intertextualidades implícita com diferentes características, com o elemento em comum de o autor original não ser explicitamente mencionado. No entanto, o próprio texto torna visível ao leitor a comunicação intertextual, como, por exemplo, com uma alusão, que é uma referência, mas normalmente não explicita a outra obra, ou seja, não fornece dados da obra ou autor. A referência ocorre com aquilo que pode ser reconhecível pelo grande público, tornando identificável a relação entre as duas obras (podendo haver caso onde é explícita a fonte). Também é possível criticar um texto o utilizando para ironizá-lo, não sendo obrigatória a citação do nome do autor criticado, pois o texto pode deixar claro de qual texto ele está tratando através de paródia, por exemplo.

Acerca da intertextualidade explícita, há também vários tipos, com a característica em comum de o autor ser creditado no texto. É o que ocorre na epígrafe, que é um pequeno texto ou frase que é colocado antes do início de um livro ou capítulo acompanhada pela citação de seu autor com o intuito de introduzir ou sintetizar o assunto do texto a seguir. Além da epígrafe, a citação é muito utilizada no meio acadêmico, sendo a inclusão de um fragmento do texto de outro autor no meio de um texto de própria autoria para compor, exemplificar e fornecer argumentos para o novo texto. Neste caso, é apresentado entre aspas ou com recuo, com nome do autor e dados da fonte de extração do fragmento. Para substituir a citação direta, é possível optar pela paráfrase, que é a reinvenção ou reconstrução de um trecho

de outro autor, eliminando a necessidade das aspas, mas ainda não eliminando a necessidade de indicar o autor. Com relação a esse ponto, a falta de dados sobre o autor é uma das práticas mais comuns em casos de plágio acadêmico, muitas vezes por falta de informação de quem escreve, que frequentemente desconhece os princípios de referência. No entanto, também é uma das formas mais comuns para plágios intencionais, tanto no meio acadêmico quanto literário.

3 | TIPOS DE PLÁGIO E SUAS RELAÇÕES COM A LITERATURA

Silva, em seu artigo *Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade?* (2008), remete a Garschagen e apresenta a sua categorização do plágio. Segundo o autor, há três tipos de plágio:

Integral - a transcrição sem citação da fonte de um texto completo; plágio parcial - cópia de algumas frases ou parágrafos de diversas fontes diferentes, para dificultar a identificação; plágio conceitual - apropriação de um ou vários conceitos, ou de uma teoria, que o aluno apresenta como se fosse seu. (SILVA, 2008, p. 5)

Comparando os tipos destacados com o plágio literário, no primeiro tipo, o plágio integral ocorreria quando, por exemplo, um autor encontrasse a obra de um autor desconhecido, ou uma obra muito rara, e, por conta disso, acreditasse que não seria descoberto, e a publicasse integralmente tomando os créditos de autoria da obra para si, podendo assim colher os frutos em forma de lucro e/ou status por ela gerados, ou seja, capital econômico e/ou social ou cultural. Já o segundo tipo, o plágio parcial, é considerado um dos mais comuns por ser mais difícil de ser detectado, pois normalmente não apenas utiliza fontes diferentes, como também altera algumas palavras e/ou ordem de frases. Como afirmado anteriormente, este se assemelharia à paráfrase, diferenciando-se eticamente por intencionalmente ocultar as fontes tomando os créditos para si. Já o plágio conceitual seria um pouco mais difícil de relacionar com a literatura, pois o que o autor tem protegido não é apenas as frases literalmente como estão escritas no seu texto, mas também a sua forma, o seu estilo, mas não há uma proteção de ideias, segundo Posner (2007). Uma ocorrência trazida por Posner (2007) foi a acusação de plágio contra o escritor Dan Brown, que foi acusado após publicar o livro *Código da Vinci* por explorar a ideia de Jesus Cristo ter se casado, sendo essa ideia publicada em um livro anterior ao seu. Os autores desse livro o processaram e perderam o processo, pois não foram identificados elementos que constituam plágio, ou seja, cópias de trechos, ou a falta de crédito ao autor original. Foi considerado que somente explorar a ideia da possibilidade de Jesus Cristo ter se casado, algo debatido e investigado, não seria exclusividade dos autores. Outro caso similar envolveu o escritor brasileiro Moacyr Scliar e seu livro *Max e os Felinos* (1981). O escritor canadense Yann Martel foi acusado de ter plagiado a obra de Scliar, após ter admitido ter se inspirado no texto

de Scliar para *Life of Pi (As Aventuras de Pi, 2001)*. As narrativas, no entanto, têm poucas semelhanças e não possuem trechos iguais e, por conta disso, não houve processo, como foi inicialmente sugerido, inclusive pela mídia (BRISOLARA, 2013).

O grande problema com as acusações indevidas é a proporção que essas acusações podem tomar e as consequências que elas podem trazer para os escritores. Muitas vezes, mesmo depois de ser confirmado que não se tratava de plágio, alguns ainda não aceitam que não se tratava de plágio; portanto, o escritor pode vir a carregar este estigma, com os ecos de um boato injusto de que esse escritor seria um plagiador. Além disso, acusações imerecidas podem afetar simultaneamente escritor e leitor, como, por exemplo, no caso da acusação de plágio contra Helen Keller, que talvez não seja por completo indevida, mas que cabe para ilustrar uma possível consequência para uma acusação imprópria. Como é documentado por Woodmansee em *The Construction of Authorship* (1994), Keller quando tinha onze anos escreveu um conto chamado "Frost King" que foi publicado em uma revista de educação para alunos, assim como ela, surdo-cegos, chamada *The Goodson Gazette*. Após a publicação, uma professora denunciou que a história era um plágio do conto "Frost Fairies" de Margaret Canby. A acusação foi um escândalo e uma experiência traumatizante para Keller que só tinha 11 anos na época. Depois disso, diz-se que ela nunca mais quis publicar livros de literatura. Este ponto pode afetar diretamente o desejo de publicar e talvez pudesse ser considerado fato de que só tinha 11 anos. Quantas intertextualidades podem deixar de ser escritas por medo de uma acusação de plágio? É necessário que sejam esclarecidas as diferenças entre plágio e intertextualidade, para que não sejamos, leitores e escritores, paranoicos ou afobados.

É importante destacar que há mais dois tipos de plágio que Posner descreve que são menos conhecidos: o autoplágio e o plágio de citações. O primeiro dos dois pode parecer estranho à primeira vista, pois, afinal, se o plágio é a transgressão da autoria de um autor, como pode um autor transgredir a sua própria autoria? Nesses casos, o que é infringido é a relação ética com o leitor, como, por exemplo, um leitor que está fazendo uma pesquisa sobre um assunto e compra dois livros de um mesmo autor sendo que um desses possui muitos trechos idênticos nos dois livros ou estão apenas reorganizados, como se fossem um novo livro e com um novo título. Se o leitor soubesse disso, talvez não tivesse comprado os dois livros. Esse caso ilustra como o plágio está relacionado à relação ética autor-leitor, na qual o leitor é levado a acreditar que o que está lendo é original. O plágio de citações (em livros não-literários) é mais difícil de ser detectado, pois os livros citados aparecem nas referências bibliográficas, mas a falta ética está em roubar o crédito de pesquisa de outros autores, ou seja, pegar citações utilizadas em outros trabalhos e as suas respectivas referências bibliográficas, levando o seu leitor a acreditar que o seu trabalho foi baseado em uma extensa pesquisa que, na verdade, pode ter sido feita por outros autores. Nesse caso, o correto é citar a fonte original dando crédito à

pesquisa do autor que utilizou a fundamentação originalmente, creditando ambos o autor que utilizou a citação e a fonte da citação. Recentemente, ainda ganhou atenção na mídia um outro tipo de plágio, não citado por Posner: o plágio de traduções. Esse caso ocorre quando traduções existentes são publicadas em nome de outro tradutor ou de um tradutor-fantasma.

4 | ANÁLISE DE CASO

O caso selecionado para análise em mais detalhe é o de Kaavya Viswanathan, que era uma estudante de Harvard quando se envolveu em um escândalo de plágio. Em 2006, a autora tinha um contrato com a editora Little Brown and Company para uma série de livros, entre eles o romance *How Opal Mehta Got Kissed, Got Wild, and Got a Life*, que estava para ser adaptado para o cinema quando foi levantada a hipótese de seu livro conter plágio. (YOUNG, 2018). A acusação envolvendo a jovem autora ganhou as páginas de todos os principais jornais e revistas. Inicialmente, a suspeita estava na apropriação de passagens de dois romances de Megan McCafferty: *Sloppy Firsts* e *Second Helpings*. A investigação do caso encontrou mais de quarenta passagens do livro de McCafferty e identificou plágio de mais quatro autores: Salman Rushdie, Sophie Kinsella, Tanuja Desai Hidier e Meg Cabot. Logo, o tipo de plágio do romance de Viswanathan seria o plágio parcial que criaria uma nova história a partir de uma colagem de trechos de outros autores.

Inicialmente, Viswanathan negou o plágio e afirmou que talvez pudesse ter plagiado acidentalmente, mas, após a investigação, não houve dúvidas de que se tratava de um plágio intencional. Trechos da obra de Viswanathan foram comparados com trechos da obra de McCafferty e as semelhanças detectadas foram muitas. Vários trechos de *Haroun and the Sea of Stories* de Salman Rushdie também foram identificados na obra de Viswanathan e a comparação desses trechos permite identificar que alguns são idênticos, apenas com segmentos foram invertidos ou palavras que foram trocadas por um sinônimo, recursos comuns nos casos de plágio literário. Quando temos em mente que havia mais de 40 passagens assim somente de uma autora e mais ocorrências de outros autores, não resta dúvida de que houve plágio. (YOUNG, 2018). A escritora então pediu desculpas aos autores plagiados, perdeu seu contrato para a série de livros e a adaptação do cinema. Além disso, seus livros foram recolhidos das livrarias e tornou-se um dos exemplos mais conhecidos de plágio literário contemporâneo. Todavia, devemos pensar o que seria uma punição adequada para este caso e outros casos de plágio semelhantes. Alguns casos de plágio literário escapam quase impunes, o que leva a refletir sobre a diferença de tratamento dada a eles, se existe uma diferença ligada à status social e influência, pois Viswanathan ainda era uma autora pouco conhecida e por mais que a “punição” que ela recebeu pareça justa à primeira vista, analisando mais a fundo, a situação é mais complexa.

Para entender isso, não podemos esquecer que Viswanathan tinha apenas 19 anos na época. Esse fato não a isenta de responsabilidade pelos seus atos ou justifica o ocorrido no caso de ela não saber o que ela estava fazendo. Ela, com certeza, sabia que estava copiando, mas era jovem e cometeu um erro no seu primeiro livro. Sua punição não se resumiu a perder os contratos e ter seu livro recolhido, pois sua reputação ficou marcada. Até mesmo quando perdeu seus pais em um acidente anos depois, os sites de notícia anunciaram: “pais de plagiadora morrem em acidente de helicóptero”. Viswanathan passou por um linchamento moral por um “crime”, mas será que deveria ter marcado a autora para sempre, será que as consequências não foram longe demais, minando qualquer possibilidade de essa escritora se redimir e se relançar no mercado literário? Será que ela foi a única culpada? Qual leitor estaria disposto a dar uma chance a essa escritora que virou um ícone do plágio literário contemporâneo?

A verdade é que a literatura está intimamente ligada a outros sistemas do seu polissistema literário, sendo o mercado literário um dos mais fortes, cujo principal objetivo é o lucro. A editora Little Brown and Company vendeu muitos livros de Viswanathan enquanto o escândalo estava ocorrendo e atraía curiosos, e, inegavelmente, promoveu-se às suas custas, sendo citada nas incontáveis matérias sobre o caso. Será que a editora não poderia ter checado o livro durante o processo de editoração e revisão e poupado Viswanathan e os leitores de tudo isso? Pesquisar sobre plágio é pesquisar sobre ética; ética que não reside apenas entre as relações de autor-autor e autor-leitor, mas também as relações éticas do mercado editorial com os autores e leitores que é transpassada pelo interesse visando o lucro. O plágio está no plano da ética e não é o crime que baseia os processos de direito autoral.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o leitor tem uma voz de longo alcance. Essa voz foi concedida ao leitor com o advento da internet e permite um papel mais ativo na literatura e, por consequência, no mercado editorial. Estamos aprendendo, leitores e autores, a lidar com um novo conceito de autoria e com um novo cenário literário, de fácil acesso a obras literárias e à informação.

Para isso, é essencial o esclarecimento das distinções entre plágio e intertextualidade, pois ambos afetam tanto autores quanto leitores. Essa distinção pode acabar por estabelecer limites na liberdade de escrita e incentivar leitores a ler além das palavras, separando o que são semelhanças discursivas de um caso de plágio propriamente dito. O acesso à informação permite acesso a obras e a comentários sobre a recepção sobre as obras. Diferentes tipos de acusações e variados níveis de punição emergem para supostos casos de plágio.

É importante considerar que acusações inadequadas podem desmotivar escritores de continuar com a atividade da escrita, e com isso, todos perdemos, leitores e autores. Compreender mais sobre o plágio é permitir a existência de imitações criativas, ou seja, livros que são originais apesar de se inspirarem em outros. Afinal, uma recomendação unânime entre escritores para futuros escritores é: leia muito. Existem inúmeros benefícios para quem lê, mas para quem lê com a pretensão de publicar livros os benefícios são ainda maiores.

O plágio não deve ser tratado levemente, mas também não deve se tornar um bicho de sete cabeças que assuste escritores menos experientes. Por conta disso, é necessário esclarecer o que é o plágio e compreender suas relações com autoria. Suas relações éticas estão fora das leis autorais que foram criadas para proteger, enquanto ignoravam os interesses de autores e leitores que são aqueles que serão mais prejudicados se perdermos obras literárias por medo de plágio e se não permitirmos o diálogo entre obras artísticas. A fronteira que separa o plágio e a intertextualidade pode parecer tênue por vezes, mas o comportamento ético nas duas práticas é o que as demarca.

REFERÊNCIAS

- BRISOLARA, Valéria. The more you look, the less you see: Moacyr Scliar's *Max and the Cats* and Yann Martel's *Life of Pi*. **Revista Línguas & Letras**, Cascavel, PR, v. 14, n. 27, segundo semestre 2013.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsests**: Literature in the second degree. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.
- HOWARD, Rebecca. **Standing in the shadow of Giants**: plagiarists, authors, collaborators. Stanford: Ablex Publishing, 1999.
- KRISTEVA, Julia. Word, dialogue, and novel. In: MOI, Toril (Ed.). **The Kristeva Reader**. New York: Columbia University Press, 1986. Disponível em: <https://archive.org/details/TheKristevaReader>. Acesso em: 11 jul. 2019.
- LINDLEY, Alexander. **Plagiarism and Originality**. New York: Harper and Brothers Publishers, 1952.
- MALLON, Thomas. **Stolen Words**: the classic book on plagiarism. New York: Harcourt, 1991.
- POSNER, Richard A. **The Little Book of Plagiarism**. New York: Pantheon, 2007.
- SAMOYAUULT, Tiphaine. **A Intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothchild, 2008.
- SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de Palavras**: Ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- SILVA, Obdália Santana Ferraz. Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade? **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 38, maio/ago. 2008. p. 357-414. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n38/12.pdf>. Acesso em: 17 dez.2017.

WOODMANSEE, Martha; JASZI, Peter (Eds.). **The Construction of authorship**: textual appropriation in law in literature. Durham and London: Duke University Press, 1994.

ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 121-132, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/65/25> Acesso em: 17 dez.2017.

ZANINI, Leonardo Estevam de Assis. O Estatuto da Rainha Ana: estudos em comemoração dos 300 anos da primeira lei de copyright. **Revista de Doutrina da 4ª Região**, Porto Alegre, n. 39, dez. 2010. Disponível em: <http://www.revistadoutrina.trf4.jus.br/artigos/edicao039/leonardo_zanini.html> Acesso em: 12 jul. 2019.

YOUNG, Kevin. Getting inside the mind of a plagiarist. **Literary Hub**, set. 2018. Acesso em: 11 jul. 2019. Disponível em: <<https://lithub.com/getting-inside-the-mind-of-a-plagiarist/>>.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Analítica 267, 272

Avaliação 9, 57, 58, 89, 93, 145, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 289, 294

B

Beatas 120, 121, 126, 127, 130, 133

C

Chomsky 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144

Cibercultura 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 278

Criação 14, 16, 49, 89, 91, 93, 103, 106, 113, 117, 118, 134, 135, 140, 141, 144, 150, 159, 164, 179, 181, 182, 184, 192, 194, 195, 197, 198, 201, 203, 208, 223, 250, 251, 252, 256, 262, 263, 265, 267, 268, 269, 296, 300

Crítica 3, 24, 27, 28, 31, 78, 83, 120, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 132, 178, 179, 187, 212, 214, 250, 251, 266, 282, 297

Cultura 2, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 53, 89, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 104, 105, 107, 113, 116, 117, 118, 130, 146, 149, 157, 158, 159, 164, 165, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 190, 191, 192, 197, 199, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 213, 215, 216, 218, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 256, 257, 280, 285, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307

D

Dança 14, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 136, 163, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 257, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304

Divulgação científica 220, 221, 222, 226

Dorival Caymmi 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

E

Educação 2, 9, 14, 16, 21, 35, 42, 45, 49, 54, 57, 64, 70, 71, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 110, 111, 113, 115, 116, 118, 119, 122, 123, 124, 128, 133, 134, 148, 149, 155, 157, 158, 159, 160, 164, 181, 183, 190, 192, 194, 199, 201, 208, 210, 212, 218, 219, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 259, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 308

Educação infantil 88, 116, 118, 208, 287, 288, 289, 290, 291, 293, 294, 295

Eletroacústica 259, 260, 261, 262, 263, 264, 267, 268, 270, 272, 273

Encenação 90, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258

Ética 37, 39, 42, 44, 132, 185, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 278, 282

F

Fake News 274, 275, 276, 277, 280, 282, 284, 285, 286

Folclore 125, 176, 296, 303, 304, 305, 306, 307

Formação 2, 3, 4, 8, 9, 14, 15, 19, 26, 29, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 104, 106, 110, 115, 117, 118, 119, 121, 124, 127, 133, 135, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 157, 160, 181, 183, 185, 186, 188, 196, 198, 202, 208, 210, 211, 213, 216, 218, 227, 231, 232, 233, 240, 247, 270, 281, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 297, 299, 302

Francês 104, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 144, 175, 297, 298

Fronteiras 95, 96, 176, 185, 204, 206, 249, 255, 306, 307

H

Homogênea 96, 183

I

Intertextualidade 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 128, 131

L

Leitura 2, 3, 4, 6, 8, 9, 36, 37, 38, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 83, 131, 148, 151, 153, 155, 156, 188, 211, 233, 298

Literatura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 27, 31, 33, 35, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 74, 75, 79, 84, 87, 93, 113, 120, 121, 123, 126, 127, 131, 133, 146, 160, 182, 184, 203, 231, 307

Luiz Gonzaga 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

M

Mulher negra 95, 96, 97, 99, 100, 101

P

Plágio 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45

Possibilidades 26, 33, 71, 76, 92, 150, 151, 153, 154, 157, 164, 185, 186, 188, 197, 198, 205, 257, 260, 265, 268, 269, 270, 271, 272, 279, 288, 294

Professores 5, 7, 9, 47, 56, 57, 64, 66, 71, 72, 113, 114, 116, 117, 118, 122, 124, 154, 164, 193, 197, 202, 212, 213, 215, 216, 232, 234, 239, 241, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 299, 302

Pronomes oblíquos 74, 75, 76, 79, 80, 83

R

Reflexão 35, 36, 62, 64, 68, 74, 129, 135, 145, 149, 158, 171, 178, 185, 187, 201, 202, 203, 205, 207, 214, 235, 237, 243, 245, 251, 252, 253, 278, 282, 287, 288, 289, 292, 293, 294, 308

S

Saussure 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Sociedade 3, 7, 26, 28, 29, 31, 55, 57, 59, 62, 67, 71, 99, 100, 111, 114, 116, 118, 120, 122, 126, 127, 130, 132, 138, 143, 158, 159, 188, 191, 192, 198, 202, 208, 209, 215, 230, 231, 232, 234, 235, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 247, 248, 263, 275, 277, 278, 279, 282, 284, 285, 298, 300, 303

T

Teatro 15, 24, 25, 58, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 147, 184, 234, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258

Tradutor 43, 242, 245, 246, 247

Trajectoria 10, 11, 72, 85, 86, 87, 90, 94, 102, 103, 107

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-705-5

